



PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DO "ESPAÇO AGROECOLÓGICO E FEMINISTA" NO FACEBOOK: ENTRE MOBILIZAÇÕES, ARTICULAÇÃO DOS SABERES E LUTAS SISTÊMICAS¹

PRÉVOST, Héloïse²

² Doutoranda, Laboratoire Dynamiques Rurales-LISST, Université Toulouse Jean Jaurès (UTJJ), France, heloise.prevost@univ-tlse2.fr

RESUMO²

O "espaço agroecológico e feminista"¹ do Brasil tomou a Web como instrumento de ação política (Ferreira, 2015). Este espaço reúne atores multiposicionados agindo em diferentes "pólos" (de movimentos sociais, partidários, acadêmicos, estaduais, etc.) mobilizados para o mesmo objetivo: a construção de um projeto social e político articulando feminismo e agroecologia. Esta comunicação propõe analisar essa "tecnopolítica", identificando como a participação online se reconstrói dentro deste espaço. Como, em tal contexto social e político, o projeto político se reconfigura? Quais são os termos do debate e quais são os pólos portando esta voz? Nosso artigo tem como objetivo analisar um espaço em crise através de sua "comunidade virtual" (Jouët, Niemeyer e Pavard, 2017).

PALAVRAS-CHAVE: Web, Participação Política, Feminismo E Agroecologia, Etnografia Virtual, Análise Lexicométrica.

INTRODUÇÃO

As TIC desempenharam um papel fundamental em muitos processos de ação coletiva (Castells 2009, Toret & al 2013). Desde a década de 2000, a internet aprofundou os vínculos entre grupos feministas e organizações políticas (Alvarez, 2014). No Brasil, as feministas se apoderaram da web como instrumento de ação política (Ferreira, 2015). É o caso do "espaço agroecológico e feminista"³. Este espaço reúne ator*s multiposicionad*s agindo em diferentes "pólos" (de movimentos sociais, partidários, acadêmicos, estaduais, etc.) mobilizados para o mesmo objetivo: a construção de um projeto social e político articulando feminismo e agroecologia. A crise política no Brasil desde o final de 2014 e o golpe de 2016 atingiram profundamente suas conquistas, provocando uma intensa mobilização e, de consequência, a reformulação do projeto político. Sua presença nas mídias sociais torna-se uma chave para seus modos de ação e uma ferramenta para ativar e preservar esse "espaço agroecológico e feminista".

Esta comunicação propõe analisar essa "tecnopolítica"⁴, identificando como a participação online se reconstrói dentro deste espaço. Como, em tal contexto social e político, o projeto político se reconfigura? Quais são os termos do debate e quais são os pólos portando esta voz? Nosso artigo tem como objetivo analisar um espaço em crise através de sua "comunidade virtual" (Jouët, Niemeyer e Pavard, 2017). Também será necessário entender sua lógica de construção objetiva (estruturação interna e relações com / entre os

¹ Pesquisa de doutorado, parte da ANR (Agência Nacional Francesa de Pesquisa) LISTIC.

² Nota para leitura: o Português não é a língua da autora.

³ Inspirado no conceito de "espaço da causa das mulheres" de Laure Bereni (2012).

⁴ A noção de "tecnopolítica" refere-se ao uso tático e estratégico de ferramentas digitais para organização, comunicação e ação coletiva através da Internet (Ferreira, 2015).



componentes, carregados pelas redes sociais) e subjetivas (representações e percepções dos agentes carregadas por seus discursos). Assim, vamos objetivar a evolução das participações e debates online entre novembro de 2013 e setembro de 2017, e, por outro lado, vamos analisar os temas e objetos de debate por meio de uma análise lexicométrica. Nossa comunicação mostrará que a web expandiu significativamente o repertório tradicional de ação desse espaço. Por um lado, a etnografia on-line no Facebook é a testemunha e o catalisador das forças de convergência ao mesmo tempo em que revela mecanismos de explosão. Por outro lado, a voz política on-line de mulheres rurais militantes destaca uma identidade discursiva tradicionalmente marginalizada e invisível. Articulado na etnografia "real", o ativismo virtual permite uma análise heurística e renovada desse espaço. Os estudos sobre a teia feminista (Jouët, Niemeyer e Pavard, 2017) e a participação política on-line dos movimentos sociais rurais são parte de um campo inovador que nosso estudo de caso contextualizado propor-se-á alimentar ao esclarecer a capacidade destes sites de mobilização plurais para aproveitar novas formas de "fazer política".

METODOLOGIA

Esta análise é parte de uma pesquisa sociológica de doutorado com foco na construção de uma alternativa emancipatória baseada na agroecologia e no feminismo no Brasil. A articulação desses dois temas surgiu no cenário público nos anos 2000 (Butto, 2017, Siliprandi, 2015, Prévost, Guétat, Galgani, 2014). Dois atores-chave permitiram sua afirmação: o GT Mulher "Mulheres", da ANA (Articulação Nacional da Agroecologia), reunindo cerca de quarenta atores, e a Marcha das Margaridas (mobilização coletiva nascida nos anos 2000 e reunindo cerca de sessenta atores). Esse espaço militante reúne a comunidade acadêmica, ONGs feministas, ONGs rurais, sindicatos rurais, movimentos de mulheres rurais, movimentos rurais mistos e redes nacionais e internacionais envolvidas com a agroecologia. Na escala macrossocial, o objetivo deste trabalho é compreender a estruturação do "espaço agroecológico e feminista" e seus métodos de defesa de seu projeto.

O conceito "espaço agroecológico e feminista" é baseado nos conceitos feministas de "espaço da causa das mulheres" de Laure Bereni (2012), denotando "a configuração das mobilizações de sites para a causa das mulheres em uma pluralidade de esferas" (2012: 28), e o "triângulo de veludo" de Alison Woodward (2004), envolvendo diferentes tipos de atrizes – as "femocratas" e mulheres políticas, as representantes de organizações de mulheres e as acadêmicas - trabalhando nas questões da igualdade de gênero nas políticas públicas europeias nos anos 1970 e 1980. Esses dois conceitos mostram a heterogeneidade dos setores (os "pólos" sindical, partidário, movimento, estadual, acadêmico), de atrizes e de tipos de ação na promoção de um modelo igualitário. A articulação de conhecimentos e estratégias pode ser estudada, oferecendo uma compreensão das ligações entre atrizes e atores. Da mesma forma, o trabalho de Scherer-Warren sobre a "rede do movimento social" (2007) nos permite identificar a pluralidade de atores e atrizes, mas também a multiposicionalidade del*s na defesa de um projeto social e político. A multiposicionalidade abrange a pluralidade de posições sociais que um indivíduo pode ocupar em diferentes universos sociais, bem como as diferentes personalidades sociais que ele pode desenvolver para responder às características de cada

espaço. Contribui para a circulação de temas e linguagens, para a produção de problemas comuns, mas também para a produção de um sentimento de familiaridade e solidariedade (Boltanski, 1973). Compreender a agroecologia feminista através do conceito de "espaço" juntando diferentes "pólos" (no exemplo de Bereni, 2012) fornece um entendimento da "pluralidade de mobilizações, a dispersão dessas e incorporação em várias visões de mundo" (Bereni, 2012: 27).

Sua ação coletiva é, naturalmente, refletida em espaços físicos, mas também através do engajamento e da participação em debates públicos organizados pela Internet, particularmente nas mídias sociais. Como o Facebook está no coração das práticas digitais brasileiras, essas formas mediatizadas de militância são concretizadas, em particular, nas páginas do Facebook desses diferentes atores do "espaço agroecológico e feminista". Para investir nessas arenas de debates públicos digitais, fizemos uma etnografia on-line (Kozinets 2010, Boellstorff et al., 2012) desses grupos do Facebook⁵. O corpus é baseado n*s signatári*s da carta "Sem feminismo, não há agroecologia"⁶, publicada em Dezembro de 2013, nas organizações membros do GT Mulheres ANA e nas organizações membros da Marcha das Margaridas⁷. Este corpus é composto de 48 grupos / páginas do Facebook (veja a Tabela 1). Seguindo os quadros analíticos feministas dos espaços pluriatores mencionados acima, classificamos as várias organizações (páginas do Facebook) em "pólos". Para organizar este corpus, identificamos seis pólos distintos. Ligamos as páginas do Facebook das organizações que coletamos a um desses seis clusters de acordo com a apresentação que ele oferece no Facebook ou em seu site. Assim, seis pólos foram definidos:

- o pólo "Agroecológico": inclui principalmente centros e ONGs cuja atividade principal é o apoio e promoção da agroecologia: por exemplo, a FASE;
- o pólo "Feminista": reúne coletivos, associações, ONGs feministas, como a Marcha Mundial de Mulheres;
- o pólo "Agroecológico e Feminista": conta principalmente os coletivos e movimentos de mulheres rurais que praticam a agroecologia: por exemplo, o MMTR-NE;
- o pólo "Movimentista Camponês": integra movimentos camponeses e redes como o MST;
- o pólo "Acadêmico": reúne redes e laboratórios de pesquisa em agroecologia: por exemplo, a ABA;
- o pólo "Sindical Rural": convoca entidades sindicais rurais como a CONTAG.

A atividade das páginas do Facebook deste corpus foi estudada usando métodos numéricos - note que são exclusivamente páginas públicas do Facebook, nenhuma página individual e pessoal do Facebook foi incluída neste estudo. Primeiramente, extraímos os metadados dessas páginas do Facebook usando o

⁵ Os elementos aqui apresentados fazem parte da análise macrosocial desta pesquisa de doutorado e são baseados na colaboração do projeto ANR LisTIC (ver <https://listic.irit.fr/>).

⁶ Nós não consideramos as pessoas que assinaram esta carta pelo nome. Esta carta aberta, assinada por cerca de 60 organizações e indivíduos, reafirma a necessidade de compreender as questões de gênero, para levar em conta a divisão sexual do trabalho e o conhecimento das mulheres camponesas na construção de uma sociedade. Movimento agroecológico.

⁷ Naturalmente, muitos membros do Mulheres GT da ANA também estão presentes na Marcha das Margaridas. Todas as organizações signatárias da carta pertencem ao ANA Mulheres GT, à Marcha das Margaridas, ou a ambos. Alguns grupos signatários não têm uma página no Facebook e não foram incluídos.

aplicativo da Netvizz (Reider, 2013) para analisar a evolução de sua atividade e a estruturação dessa arena de debate digital durante um período de 3 anos e 11 meses. A coleção começou em novembro de 2013, durante um momento chave de afirmação política de que "não há agroecologia sem feminismo", e foi interrompida em setembro de 2017. Na primeira parte desta comunicação, vamos apresentar as análises desses dados descrevendo, em particular, o modo como os vários pólos usam o Facebook. Vamos desenvolver a ideia de que eles tendem a usar essa plataforma digital configurando usos "senti-pensados" (Escobar, 2014). Em um segundo momento, apresentaremos uma análise estatística dos temas e referências lexicais mais mobilizados pelos vários clusters em suas publicações no Facebook. Esta análise lexicométrica descreverá os temas em torno dos quais o "espaço agroecológico e feminista" está estruturado.

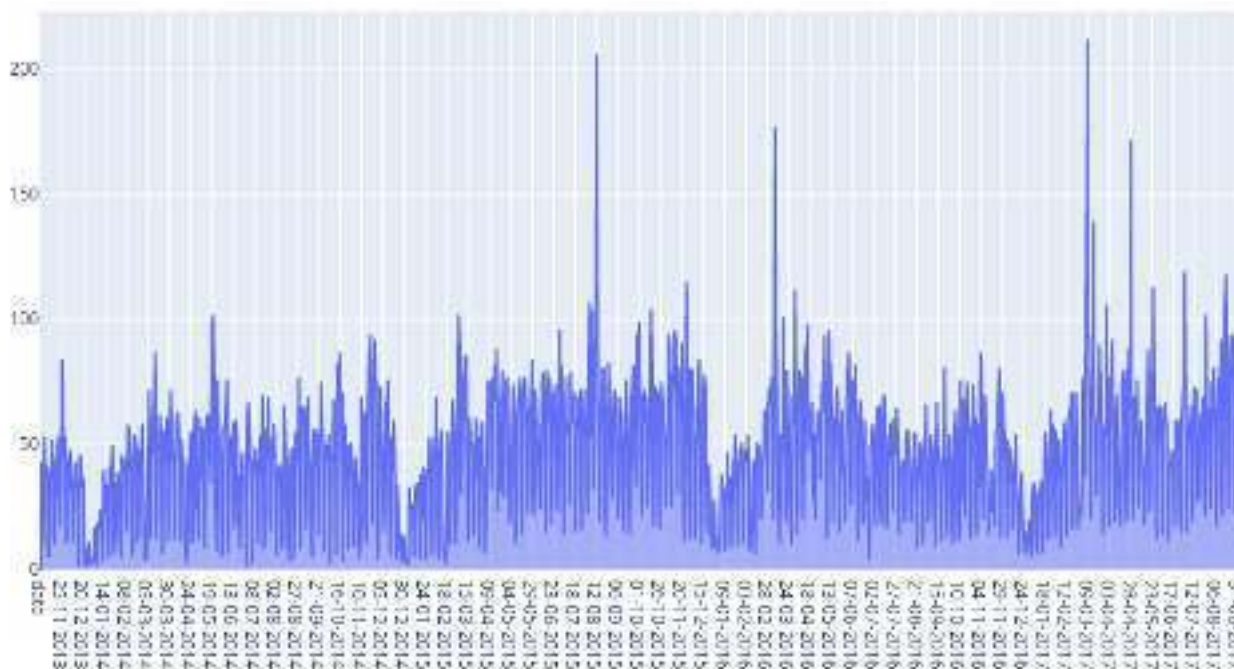
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estruturação do "espaço agroecológico e feminista" em torno dos usos "senti-pensados" do Facebook?

Para entender a estruturação do espaço "espaço agroecológico e feminista", é necessário descrever a evolução do volume da atividade das páginas do Facebook do nosso corpus. O friso cronológico abaixo (veja a Figura 1) mostra que os seis pólos publicados durante o período, de novembro de 2013 a novembro de 2017, um número relativamente estável de publicações. As 48 páginas do corpus publicam em média 43,44 postagens por dia, o que representa 0,905 postagens por dia e por página. Este friso destaca quatro períodos em que os volumes de atividades são baixos, correspondem ao período das férias escolares. Quatro outras datas que se destacam particularmente no período estudado podem ser identificadas, devido ao grande número de publicações diárias. As duas datas que ultrapassam 200 posts por dia correspondem a 12 de agosto de 2015, a 5ª Marcha das Margaridas e a 8 de março de 2017, o Dia Internacional da Mulher, por direitos iguais. É provável que, em 8 de março de 2017, *s membr*s do corpus tenham sid* virtualmente mobilizad*s, sendo o primeiro dia 8 de março após o golpe. Duas outras datas excedem 150 posts por dia, isto é 18 de março de 2016, a Marcha pela Democracia e contra o golpe, então 28 de abril de 2017, a greve geral contra a reforma previdenciária (reforma proposta pelo governo de Michel Temer). Parece, portanto, que as notícias políticas nacionais, mas também as datas-chave das lutas feministas, são motores do uso do Facebook desse espaço. Se não chegarem a uma mobilização virtual, tão forte, o 25 de novembro, dia de combate à violência contra as mulheres, ainda registra um número de posts bem acima da média; especialmente em 2015, onde os 100 posts / dia são excedidos.



Figura 1. Volume de posts diários do Facebook publicados pelas páginas do corpus



Vamos examinar os usos do Facebook desenvolvidos pelos vários polos do nosso corpus, porque eles não se apropriam dessa plataforma da mesma maneira. Como mostra a Tabela 1 abaixo, a maioria das páginas pertence ao polo "Agroecologia" (41,67%). Assim, parece logicamente que as páginas desse pólo são as que têm as publicações mais difundidas (43,01%) dentro do "espaço agroecológico e feminista", seguidas pelo pólo "Movimentista Camponês " (16,03%). O pólo "Agroecológico e Feminista" publica o menor (5,98%) do conjunto do corpo (ver Tabela 1). Pode-se observar que as páginas do polo "Movimentista Camponês" se destacam muito claramente pelo grande volume de comentários e compartilhamento de publicações.

Tabela 1. Apresentação do corpus da página do Facebook do "espaço agroecológico e feminista"

Pôles	Nombre de pages	Part de pages	Part des publications	Part des partages	Part des commentaires
Agroécologique	20	41,67%	43,01%	18,37%	17,87%
Féministe	8	16,67%	16,03%	4,44%	3,37%
Agroécologique et féministe	9	18,75%	5,98%	0,91%	0,82%
Mouvementéiste paysan	4	8,33%	18,55%	71,38%	74,91%
Académique	4	8,33%	6,14%	2,66%	1,31%
Syndical rural	3	6,25%	10,31%	2,24%	1,72%
Total	48	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
(Valeur brute)	-	-	(55 302)	(215 526)	(2 280 235)



O tipo de uso também varia. No Facebook, é possível compartilhar links para fontes externas (por exemplo, artigos de imprensa), postar status (por exemplo, comentários escritos), postar fotos e vídeos, ou criar eventos para convidar aqueles que acompanham as notícias de uma página do Facebook para participar (uma reunião pública, a projeção de um filme, etc.). A Tabela 2 abaixo indica quais tipos de conteúdo são mais mobilizados pelos polos. Assim, podemos notar que os administradores das páginas observadas usam poucos estatutos, eles inserem a maior parte do conteúdo em seus posts: em 96.6% dos casos, as publicações são compostas em torno de uma imagem, vídeo ou link para um artigo introduzido por um comentário. A mídia textual, por si só, não é, portanto, uma ferramenta de coesão de grupo e faz pouca parte do repertório de ação desse espaço. Parece então que as fotos estão no coração das lógicas de publicação, em particular para o polo "Sindical Rural". Os movimentos camponeses transmitem principalmente vídeos (58%), enquanto o polo "Acadêmico" compartilha um número maior de links (54,98%) com fontes de informação externas ao Facebook. Podemos notar também que o Facebook pode ser uma estratégia de mobilização para alguns polos, incluindo o polo "Feminista" que compartilha a maioria dos eventos (3,75%).

Tabela 2. Tipo de Conteúdo Compartilhado em Páginas do Facebook

Pôles	Vidéo	Photo	Status	Lien	Événement	Total
Agroécologique (Valeur brute)	8,16%	52,55%	3,44%	34,79%	1,05%	100,00% (23 776)
Féministe	9,42%	51,23%	4,68%	30,92%	3,75%	100,00% (8 852)
Agroécologique et féministe	8,97%	53,21%	5,48%	31,52%	0,82%	100,00% (3 300)
Mouvementéiste paysan	18,78%	58,00%	1,18%	21,59%	0,45%	100,00% (10 255)
Académique	7,93%	34,05%	1,68%	54,98%	1,36%	100,00% (3 392)
Syndical rural	12,05%	76,54%	5,05%	6,02%	0,33%	100,00% (5 700)
Total (Valeur brute)	10,77% (5 953)	54,73% (30 251)	3,40% (1 880)	29,80% (16 471)	1,30% (720)	100,00% (55 275)

Essa sobre-representação de fotografias (54,73%) nas lógicas das publicações nos convida a considerar que elas operam mais emocionalmente (Jasper, 2014) em comparação com outros tipos de conteúdo. Esses dados poderiam alimentar a hipótese segundo a qual esse espaço constrói um modo de "fazer política" articulando os componentes "cognição" e "emoções" nos repertórios de ações (ibid.). Pode ser um senti-pensar (Escobar, 2014), uma noção explicada por um pescador do rio San Jorge, na Colômbia, ao sociólogo Orlando Fals Borda. A comunidade deste pescador é inspirada e reconhecida nas estratégias cíclicas de uma espécie de tartarugas locais: afirmam ser humanos e tartarugas por seus modos de



sobrevivência, preservação de reservas durante períodos difícil. Essa comunidade "senti-pensa", que significa agir com o coração enquanto raciocina, articula o sentimento e o raciocínio (Escobar, 2014b, Fals Borda, 2008). Esta proposta é uma ruptura com a dualidade construída pela racionalidade ocidental, que opõe razão e emoção. Aqui, eles estão relacionados.

Para ampliar essa ideia, observe os tipos de reações usadas pelos diferentes polos (Tabela 3). No Facebook, é possível reagir a um post de cinco diferentes tipos de "emoções": amor, riso, espanto, tristeza, raiva. Essas novas "emoções" foram introduzidas no design da plataforma Facebook no Brasil durante o nosso estudo, ou seja, final de abril de 2016. O coração (amar) é o mais utilizado (53,67%) por todo o corpus, seguido de tristeza (23,74%) e raiva (15,92%). Os polos "Agroecológico e Feminista" e "Feminista" usam mais o clique "amor" (83,02% e 82,39% de suas avaliações gerais de postagens). Os polos "Acadêmico" e "Agroecológico" usam o coração em menor grau (49,02% e 40,79%), mas usam a raiva (20,53% e 19,75%) em comparação com outros polos. Uma hipótese poderia ser formulada quanto à reminiscência da oposição entre razão e emoção na racionalidade binária causando a timidez desses dois polos para usar o coração. A raiva permanece, no entanto, é uma ferramenta mobilizável neste contexto devido à sua proximidade à indignação.

Tabela 3. Participação de diferentes tipos de reações dentro de diferentes polos

Pôles	Aimer	Rire	Etonnement	Tristesse	Colère	Total
Agroécologique (Valeur brute)	40,79%	1,56%	5,64%	32,26%	19,75%	100,00% (41 657)
Féministe	82,39%	3,14%	1,66%	7,14%	5,67%	100,00% (7 519)
Agroécologique et féministe	83,02%	0,94%	3,48%	9,76%	2,81%	100,00% (748)
Mouvementéiste paysan	58,62%	3,49%	2,89%	20,46%	14,54%	100,00% (61 451)
Académique	49,02%	1,39%	7,53%	21,52%	20,53%	100,00% (5 163)
Syndical rural	61,89%	2,28%	4,47%	20,45%	10,91%	100,00% (2 191)
Total (Valeur brute)	53,67% (63 718)	2,66% (3 160)	4,01% (4 763)	23,74% (28 181)	15,92% (18 907)	100,00% (118 729)

Análise dos temas que estruturam as trocas dentro do "espaço agroecológico e feminista"

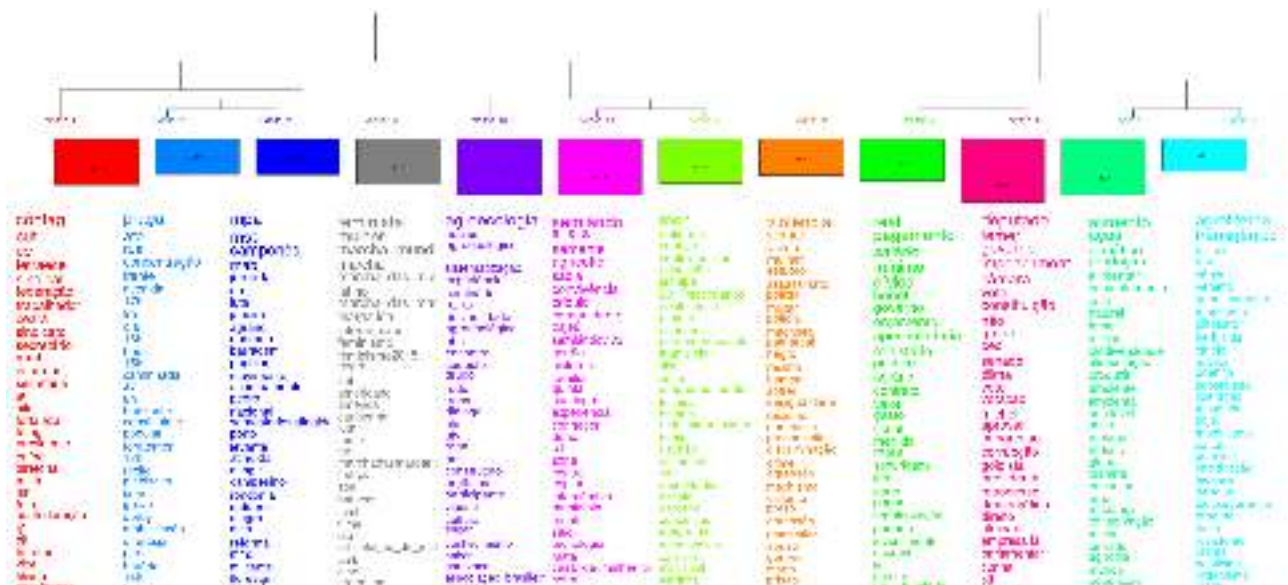
Nesta segunda parte, discutiremos a estruturação de debates online. Quais são os tópicos mais populares nas publicações publicadas nas páginas do Facebook do "espaço agroecológico e feminista"? Quais são os termos do debate? Qual poste carrega a retórica? Para atingir este objetivo, faremos uma análise lexicométrica dos escritos publicados nas páginas do Facebook dos diferentes polos. O objetivo é realizar uma análise quantitativa das classes lexicais mais mobilizadas pelos diferentes atores, a fim de propor uma classificação dos temas debatidos dentro desse espaço no Facebook.

O dendrograma abaixo apresenta os resultados desta análise estatística dos temas mais



evocados nas publicações coletadas em todas as páginas do nosso corpus. Este dendrograma é estruturado em torno de 12 classes distintas de falas que se referem, por um lado, aos modos de ação e, por outro, às apostas da luta.

Figura 3. Classes lexicais de publicações do Facebook publicadas por todos os polos



A construção agroecológica e feminista em torno das mobilizações, da articulação dos saberes e dos projetos

As publicações dos vários polos são inicialmente estruturadas em torno de classes lexicais relativas aos modos de ação do "espaço agroecológico e feminista". Se nos referirmos à árvore do dendrograma, estas são as sete classes de palavras à esquerda (1, 8, 9, 3, 10, 11, 4). Essas classes são então subdivididas em dois registros distintos que se referem a dois modos de construção do projeto agroecológico e feminista:

1. O primeiro registro (classes 1, 8, 9 e 3) refere-se a mobilizações. O uso do Facebook de um ponto de vista organizacional e militante é claro, com uma classe dedicada (8) indicando os locais de encontro, as horas, os repertórios de ação ("ato", "marcha", "greve") e slogans ("fora Temer"). Esta classe está ligada prioritariamente aos movimentos camponeses (classe 9), mas também aos espaços, eventos e atrizes feministas (ONGs, movimentos, redes). As "marchas" formam os termos mais recorrentes: a Marcha Mundial das Mulheres, a Marcha das Margaridas. Finalmente, o pólo "Sindical" também é anexado a este registro e subgrupo.

2. Um segundo registro (classes 10, 11 e 4) refere-se aos projetos e métodos do campo agroecológico relacionados aos pólos "Acadêmico" e "Agroecológico". Refere-se, antes de tudo, aos métodos de trabalho ("sistematização", "experiência", "seminário", "reunião", "diálogo", "troca", "caravana")



e, com a classe 10, os membros do pólos "Acadêmico" ("núcleo", "ABA"). Esta classe mostra a postura científica adotada por este polo, seu objetivo de articular o conhecimento científico e camponês, bem como a forma participativa com *s campones*s. A agroecologia promovida por este universo social situa-se numa perspectiva de descompartmentalização do espaço científico.

Por outro lado, projetos agroecológicos e membros do polo "Agroecológico" aparecem nas classes 11 e 4, onde são discutidos os métodos de trabalho que promovem o trabalho básico com as comunidades rurais ("convivência", "troca", "experiência").), a agricultura familiar (" família ", quintal", "comunidade", "semente" "crioulo"), os projetos ("Por um Sertão Justo", "educação", "projeto").

Se estas duas classes pertencem particularmente a ONGs; é interessante notar que os métodos de trabalho são comuns com o pólo "Acadêmico" promovendo o conhecimento camponês em prioridade.

Na seção anterior, mostramos que o polo "feminista" usa muito o Facebook para organizar eventos. A classe 3, que emerge da análise lexicométrica, corrobora essa observação e mostra que essa mídia social é de fato uma ferramenta de mobilização. Podemos então notar que dois modos de ação são articulados dentro do "espaço agroecológico e feminista": ação militante e ação institucional. As ONGs agroecológicas estarão localizadas no registro institucional com a lógica de projetos e trabalho básico com as comunidades. As ONGs feministas estão mais no campo das redes e movimentos lexicais e organizacionais militantes. Dois usos do Facebook aparecem da seguinte forma: a estratégia de mobilização e a estratégia de promoção e visibilidade.

A construção agroecológica e feminista em torno das questões das lutas sistêmicas

Se o primeiro subgrupo é mais voltado para *s atores e atrizes do "espaço agroecológico e feminista" e os repertórios de ação que os diferentes polos mobilizam, verifica-se que as publicações se estruturam em torno de um segundo registro de discursos que se referem ao que chamamos de "estacas de luta". Os dois modelos conflitantes podem ser vistos, por um lado, no agronegócio e suas consequências (classe 7) e, no outro, na produção agroecológica (classe 6). No primeiro, os termos "pesticidas" e "transgênicos" são amplamente super-representados, seguidos de "câncer", "veneno", "monsanto". No outro, os termos "alimento", "água", "clima", "produção" são os mais citados. Há também referências a "biodiversidade", "meio ambiente", "saúdável", etc.

A violência sistêmica (classe 2) ocupa um lugar central e transversal nos discursos. Em primeiro lugar, a violência de gênero está super-representada nesta classe de palavras: "sexual", "vítima", "mulher", "machista", "patriarcal", "estupro". Contudo, a violência racista (notavelmente "negro", "racista", "racismo") e a violência estatal ("discriminação", "polícia", "militar", "ditadura", "capitalista", "aborto") estão amplamente presentes. Vários elementos interessantes estão presentes nesta classe de palavras. A violência de gênero é mencionada aqui em seu contínuo (Kelly, 1988) e na pluralidade de suas formas: menciona-se violência psicológica ("sexista", "denigrar"), física e sexual ("agressão", "estupro"). Assim como a morte ("feminicídio"). Além disso, a natureza sistêmica da violência e sua intersecção também está presente com a menção de discriminações sexistas, racistas e de diferentes instituições: policial, militar, familiar,



capitalista. Finalmente, as articulações socioambientais aparecem nesta classe de palavras: termos relacionados às questões e consequências ambientais ("desmatamento", "planeta", "agricultura", "transgênico") como ocorrências sobre as consequências sociais ("câncer", "Vírus" "pobreza"). Assim, há um entendimento e uma discussão sobre o processo de violência em sua complexidade. Note que o Bolsonaro é citado nesta classe de palavras.

Finalmente, a situação política brasileira também está no centro das discussões (classes 5 e 12), encontramos o golpe (classe 12) e as reformas lançadas pelo governo de Michel Temer (classe 5). Muitas ocorrências estão relacionadas à questão das aposentadorias, medida central das mobilizações no período estudado.

O termo mais recorrente em todos esses discursos on-line é a palavra "mulher" (veja a Figura 4). Este termo é central, todos os pólos mobilizam-no frequentemente em suas publicações. Então, os termos mais usados são: "rural", "não", "trabalhador", "nacional", "rural", "agroecologia", "movimento", "social", "luta", "política", " público ", " agricultor ".

Figura 4. Palavras em nuvem dos termos mais mobilizados por todo o corpus



A análise lexicométrica possibilita, então, identificar as classes de palavras mais representadas nas publicações publicadas pelos diferentes polos. Parece então que questões relacionadas ao golpe prevalecem nos discursos dos polos "Feminista", "Movimentista Camponês" e "Sindical Rural". Os dois modelos conflitantes, agronegócio e agroecologia, emergem dos discursos dos polos "Acadêmico" e "Agroecológico". Do total de falas (vide Figura 5), as classes de palavras predominantes, após aquelas relacionadas ao golpe (11,6%), são aquelas relacionadas à agroecologia (10,2%), com representação de ocorrências relacionadas ao ambiente acadêmico e aos atores/atrizes e realidades da agroecologia (cada classe representa 10,1% dos discursos). Note que estas sobre-representações são pequenas. Todas as



classes de palavras são bastante equilibradas (de 5,9% para 11,6%). Enquanto o campo lexical feminista tem classes dedicadas (violência e espaços feministas e organizações), o campo lexical da agroecologia é mais diluído em diferentes classes: relacionadas à pesquisa, projetos, produção, grupos e modos de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta etnografia on-line do “espaço agroecologia e do feminismo” fornece uma compreensão não só do uso do Facebook pela multiplicidade de atores e atrizes, o conteúdo e a estrutura de seu discurso, mas também uma compreensão dos desafios diários de luta durante estes três anos (2015-2016-2017). Este é um momento chave no Brasil com o início do processo de impeachment e o golpe em agosto de 2016. Essa análise de longo prazo nos permite compreender a centralidade das questões políticas para tal área. De fato, as notícias e a urgência política estão no centro da análise: as mobilizações virtuais foram particularmente importantes em datas chave (em particular a Greve Geral de 28 de abril de 2017 e a Marcha pela Democracia de 18 de março de 2016) e o golpe mas também as reformas lançadas por Michel Temer ocuparam os debates. No entanto, as datas feministas "geral" (8 de março) e "específica" (a Marcha das Margaridas) também são inevitáveis. É essencial para enfatizar a centralidade do espaço e do evento da Marcha das Margaridas, tanto em número de posts sobre a data da quinta edição (11 e 12 de Agosto de 2015) que a sua representação nos discursos.

O "espaço agroecológico e feminista" promove dois modos de ação on-line: um bastante militante com a difusão das mobilizações; o outro mais institucional com a divulgação de eventos científicos e lógica de projeto. A análise lexicométrica também fornece elementos sobre o projeto agroecológico promovido por este espaço. A agroecologia é discutida do ponto de vista ambiental, mas também social. A oposição ao modelo do agronegócio é óbvia. Sua especificidade entre formas participativas de articulação de conhecimento e ancoragem na comunidade de pesquisa é clara. A dimensão da luta é inevitável. A especificidade dos discursos deste espaço está relacionada às questões de violência sistêmica e à compreensão global das questões sociais e ambientais. O Facebook está provando ser uma ferramenta para mobilizar, promover a agroecologia e de denúncias políticas, feministas e socioambientais.

Enquanto alguns definem a agroecologia como "uma ciência, um movimento, uma prática", aqui o projeto é parte de outra especificidade. A agroecologia feminista defendida parece ser um modelo socioambiental, saberes e experiências plurais, uma luta sistêmica.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia. **Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista**, *Cadernos Pagu*, 2014, 43, 13-56.

BERENI Laure. **Penser la transversalité des mobilisations féministes : l'espace de la cause des femmes**, *Les féministes de la 2ème vague*, Presses universitaires de Rennes, 2012.



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
"TEMPO, LUGAR E SUJEITO COMUNS"

BOLTANSKI Luc. **L'espace positionnel. Multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe**, Revue Française de Sociologie, 1973,14, 1, p. 3.

ESCOBAR Arturo, **Sentir-penser avec la Terre. Une écologie au-delà de l'Occident**, Seuil, Paris (Anthropocène), 2014_2018

FALS BORDA Orlando. **Sentipensante**. Vídeo. 2008.

FERREIRA Mary. **Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo**, Cadernos Pagu, 2015, 44, p. 199-228.

JOUËT Josiane, NIEMEYER Katharina, PAVARD Bibia. **Faire des vagues**, Réseaux, 2017, 201, p. 21-57.

KELLY Liz. **Surviving Sexual Violence**, John Wiley & Sons, 1988, 321 p.

PRÉVOST Héloïse, ESMERALDO Gema, GUÉTAT-BERNARD Hélène. « **Il n'y aura pas d'agroécologie sans féminisme : l'expérience brésilienne** », Pour, 2014, N° 222, 2, p. 275-284.

SILIPRANDI Emma. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**, Tese / Thesis, Brasília, Universidade de Brasília, 2009.

ZARZAR BUTTO Andrea. **Movimentos sociais de mulheres rurais no Brasil: a construção do sujeito feminista**, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 276 p, 2017.